Correio da AESE
DOCUMENTAÇÃO
21.abr.2021
N.776
AESE BUSINESS SCHOOL
www.aese.pt

Índice

Debate sobre o conservadorismo pós-Trump 1
Salvaguardar o luxo da paz social 4

Debate sobre o conservadorismo pós-Trump

A derrota eleitoral de Donald Trump, que atraiu à sua coligação muitos dos chamados "votantes de valores", reabriu o debate sobre o rumo a seguir pelo conservadorismo. A discussão ultrapassa o contexto político norte-americano e dá que pensar aos conservadores de outros países: a favor de quê e de quem se posicionar no momento atual?

Hoje, o debate sobre o futuro do conservadorismo norte-americano é inseparável do papel de Trump no Partido Republicano (*Grand Old Party*, GOP), que integra diversas correntes e sensibilidades. Muitos republicanos são conservadores e cristãos, mas uma percentagem significativa não o é. Um dado eloquente: num inquérito recente da YouGov a 1000 votantes de Trump, 24 % declaram-se ateus, agnósticos ou sem uma confissão religiosa particular. Do total dos inquiridos, 46 % vão à igreja "raras vezes" ou "nunca".

Outra coordenada do debate é a expansão da nova direita pós-liberal, que vê no nacional populismo um aliado para a causa conservadora ("Aceprensa", 28.2.2020).

Um e outra mudaram o tom e as prioridades dos conservadores clássicos. O que se discute agora é se o GOP e o movimento conservador querem seguir por este caminho. Em grandes traços, podem identificar-se quatro posições:

1. Os apoiantes de Trump.

2. Os que exigem ao GOP que continue a avançar pela linha aberta pelo ex-presidente, mas com um candidato mais moderado.

3. Os que preferem regressar ao republicanismo pré-Trump, que fundiu num mesmo movimento a tradição conservadora, o liberalismo económico e o pensamento libertário ou anti-estatista.

4. Os que procuram algo novo: nem o de agora nem o de antes.

Os incondicionais de Trump

Não é claro quantos são, porque as sondagens apresentam resultados díspares. Mas todas elas coincidem em que o apoio ao ex-presidente caiu após o assalto ao Capitólio. Segundo um inquérito do "Politico" e da Morning Consult realizado pouco depois de 6 de janeiro a quase 2000 votantes registados, 40 % de republicanos e independentes de tendência republicana votariam em Donald Trump se se apresentasse às eleições presidenciais de 2024, em comparação com os 53 % que afirmavam o mesmo em novembro.

O "The Hill" e a Harris Poll elevam a percentagem obtida numa sondagem a cerca de mil votantes registados: 64 % de republicanos juntar-se-iam a um novo partido liderado por Donald Trump, opção que ele próprio afastou na Conferência de Ação Política Conservadora realizada em Orlando (Florida). No entanto, segundo outro inquérito da CNN e da SSRS com uma amostra de dimensão similar, 53 % de republicanos e independentes afins preferem distanciar-se do antigo presidente norte-americano.

A sondagem do politólogo Eric Kaufmann a quase 400 seguidores de Trump diminui ainda mais as suas possibilidades: somente 29 % deles o apoiariam em 2024.

O que atrai no trumpismo

Os defensores mais fiéis do ex-presidente apoiam o trumpismo, que Kaufmann define em "UnHerd" (18.1.2021) como uma doutrina marcada "pela hostilidade às elites politicamente corretas, o apoio ao controlo das fronteiras e ao nacionalismo cultural". Os mais críticos desta corrente associam-na ao populismo extremo ou mesmo anti-democrático.

O que parece claro é que o trumpismo veio elevar o tom da direita. Jerry Falwell Jr., reitor de uma importante universidade evangélica até ter caído em desgraça devido a um escândalo, sintetizou esse sentir quando afirmou que "os conservadores e os cristãos têm de deixar de escolher "meninos bem comportados" para cargos públicos, e optar por "lutadores de rua" como Trump.

Que o tom combativo é uma marca do trumpismo também o deixa claro Molly McCann, advogada e colaboradora de vários meios de comunicação social conservadores. O que não compreendem os republicanos oponentes de Trump (conhecidos como *Never Trumpers*) nem os reticentes, defende em "The Federalist" (28.10.2020), é que ele ganhou em 2016 "porque não era um republicano". Ganhou porque trouxe um modo de fazer política que dá prioridade à soberania nacional, à pulsão antissistema e à convicção de que os políticos de direita devem estar dispostos a lutar pelo país com a mesma determinação e beligerância que Trump. Isto é o que os seus apoiantes – republicanos ou não – querem manter.

O regresso do Tea Party?

No inquérito de Kaufmann, a maioria dos apoiantes de Trump (55 %) optaria por um candidato "mais presidencial, respeitável e eficaz, que adote os pontos de vista de Trump sobre o controlo da imigração e o nacionalismo, e que esteja disposto a desafiar os grandes meios de comunicação, o politicamente correto e as elites".

Para o politólogo canadiano, este dado sugere duas coisas. A primeira é que não haverá um regresso ao conservadorismo dos tempos de Reagan e dos Bush, que é o apreciado pelo *establishment.* Somente 16 % dos participantes no seu inquérito desejam voltar ao republicanismo que insistia "no governo limitado, no mercado livre, na família e na resistência à tirania no mundo".

A segunda é que, acima do culto de Trump, estão presentes as preocupações que levaram à votação nele, como estarem fartos do politicamente correto. Isso significa que há bastante espaço para os que saibam dar continuidade às batalhas iniciadas por Donald Trump, sem pedir perdão por isso, e que ao mesmo tempo mostrem mais respeito pela democracia liberal. A título de exemplo, Kaufmann cita os senadores Josh Hawley, Marco Rubio, Ted Cruz e Tom Cotton – todos eles apoiados pelo Tea Party –, embora não afaste que surjam novas figuras. Outros analistas mencionam igualmente o ex--vice-presidente Mike Pence e os filhos de Trump.

Julia Azari, também politóloga, concorda ("FiveThirtyEight", 3.2.2021) que é mais provável que este tipo de republicanos, entre os quais inclui a ex-embaixatriz dos EUA nas Nações Unidas, Nikki Haley, acabem por tomar as rédeas do partido em vez de Trump. E embora guardem em relação a ele "marcadas diferenças de estilo e abordagem", poderiam sempre reivindicar-se como herdeiros do seu legado.

Os defensores desta opção viram em Trump um aliado para a sua causa, mas agora acham necessário romper com ele. É clara a frieza com que o reconhece o colunista de "The Federalist" (11.1.2021) Nathan Blake, que primeiro foi *Never Trumper*, depois pró-Trump e agora se opõe a ele: "Para aqueles de nós cujo apoio a Trump foi de compromisso, esta é uma decisão fácil, como substituir uma ferramenta estragada. Subimos para o comboio de Trump em diferentes momentos e por diferentes razões (…), mas está na hora de sairmos desse comboio".

Nathan Blake recorda que uma justificação habitual entre os conservadores para votar em Trump é que era o "mal menor" perante os democratas. Mas agora que não existe esse dilema e há tempo para uma reorganização, os republicanos podem "ir mais além de Trump sem voltarem ao *statu quo* decadente que ele subverteu". Tal como este comentarista o observa, a reconstrução do Partido Republicano necessita que a ala populista e o *establishment* trabalhem juntos como uma coligação, em vez de lançarem anátemas mútuos.

Pós-liberais

A ideia de que o velho consenso republicano se esboroou, tem vindo a fortalecer-se nos últimos quatro anos. Uma série de autores conservadores de bastante renome (Patrick J. Deneen, Rod Dreher, Sohrab Ahmari, Adrian Vermeule, Rustin Reno, Yoram Hazony, Rich Lowry…) articularam o descontentamento com os preconceitos do liberalismo político contemporâneo e, inclusivamente, com os limites de partida da tradição liberal clássica.

Pensam que o fenómeno Trump (para lá da sua opinião sobre o governante) abriu uma janela de oportunidade para afastar o conservadorismo do que consideram o traço mais nocivo do

liberalismo: a exaltação do indivíduo autónomo. Um texto representativo do veicular desta posição é um artigo de "First Things" (21.3.2019), no qual Rod Dreher, Patrick J. Deneen, Sohrab Ahmari e outros se manifestam "contra o consenso morto".

Os subscritores partem da premissa de que, até às eleições presidenciais norte-americanas de 2016, os intelectuais conservadores estavam muito divididos. Mas consideram que agora falam "a uma só voz" quando dizem que "não há volta atrás para o consenso conservador anterior a Donald Trump", que ficou conhecido como "fusionismo" e cuja expressão de maior representatividade foi o reaganismo. Embora afirmem reconhecer vários méritos a esse consenso, vão ao ponto de afirmar que "qualquer tentativa de revivê-lo (…) seria errada e prejudicial para a direita".

O seu principal argumento é que "a fetichização da autonomia" acabou por vir a minar as causas conservadoras. "Sim, o antigo consenso conservador defendia da boca para fora os valores tradicionais. Mas esse consenso não foi capaz de atrasar, nem muito menos de conseguir reverter, o eclipse das verdades permanentes, da estabilidade familiar, da solidariedade comunitária e de muitas outras coisas. Acabou por se render à pornografização da vida quotidiana, à cultura da morte, ao culto da competitividade. Com demasiada frequência baixou os braços em face de um multiculturalismo venenoso e censurador".

A consequência imediata dessa rutura é que se negam a admitir como "dogmas" que os conservadores devam defender certos postulados do reaganismo, como o comércio livre, a livre circulação de pessoas ou "o governo limitado como um fim em si mesmo". Por outro lado, colocam exigências ao GOP (Grand Old Party), ou seja, ao Partido Republicano, de um compromisso mais firme na defesa da vida do não nascido e dos vínculos humanos ("família, fé e comunidade política"); a primazia dos interesses dos cidadãos norte-americanos em relação aos imigrantes; o reequilíbrio das necessidades dos trabalhadores (sobretudo, da classe operária) com as dos investidores e empresários…

Como explica Jordan Alexander Hill num longo artigo publicado em "Quillette" (3.1.2021), os apoiantes desta nova direita pós-liberal ou pós-fusionista elogiam a política pró-família e natalista levada à prática por Viktor Orbán, que se reuniu nos últimos anos com Patrick J. Deneen, Rod Dreher y Yoram Hazony, entre outros intelectuais conservadores. E declaram-se admiradores da visão da sociedade, assente na família, que tem Viktor Orbán. Esta abordagem, diz Patrick J. Deneen em declarações a "Hill", é o que permite renunciar ao estatismo, enquanto que "os seres radicalmente individualizados acabam por necessitar e recorrer aos governos centrais em busca de apoio e ajuda". Mas deve replicar-se que um Estado mínimo não constitui precisamente aquilo que Viktor Orbán acabou por montar na Hungria.

Um novo consenso

Que os pós-liberais não falam a uma só voz por todos os intelectuais conservadores, prova-o o já célebre debate ocorrido em 2019 entre Sohrab Ahmari e David French sobre como responder ao progressismo na batalha cultural. Ou o aberto em "Public Discourse" (31.1.2021) com um texto assinado pelos seus articulistas habituais, como Ryan Anderson, R.J. Snell, Serena Sigilito ou Mark Regnerus, que também subscreveu o artigo de "First Things".

A primeira diferença entre ambos os textos é que são escritos em momentos diferentes: depois da derrota de Trump, o triunfalismo deu lugar "à fragmentação e à confusão" da direita, algo que atribuem em parte aos desacordos durante a agitada era Trump, mas também "à fragilidade das coligações que definiram a direita durante a Guerra Fria e o período posterior". Constatam que "alguns" rejeitam o velho fusionismo e consideram "necessário algum tipo de novo consenso".

O fim do triunfalismo nota-se também na abordagem da proposta, que não deixa de ser reativa: a ideia básica é que os conservadores devem evitar que as suas legítimas disputas internas os distraiam de fazer uma frente comum perante "as sérias ameaças às instituições que valorizamos", em alusão às políticas da Administração Biden.

Outra diferença de perspetiva é o seu realismo político: não imaginam uma sociedade à medida das suas convicções, assumindo sim que os conservadores (como toda a gente) deverão fazer certos equilíbrios. "Os acordos em assuntos de natureza prudencial não são um defeito moral, mas muitas vezes um sinal de sabedoria política. O fusionismo não é uma palavra suja".

Pautas para o debate

O artigo de "Public Discourse" apresenta duas pautas para começar o debate. A primeira é esclarecer quem vai participar. Concretamente, perguntam quais são as linhas vermelhas que não se podem ultrapassar; isto é, com quem não deve haver alianças para evitar que o conservadorismo "perca a sua alma e a sua mente"? E inversamente: que escolas não podem faltar? Também é importante abordar "o problema geracional", para que os jovens não fiquem excluídos do debate.

A segunda é identificar quais são os bens essenciais que os conservadores partilham, o mínimo comum sobre o qual construir. Aqui, a revista avança a sua própria reflexão e destaca quatro: casamento-vida, religião, educação e justiça. Dentro de cada um deles, salienta várias prioridades. Por

exemplo, dentro do primeiro, destaca a importância de promover programas públicos de orientação familiar.

Talvez a abordagem mais inovadora esteja no quarto ponto. Os subscritores pedem que se leve a sério o contexto atual do país, marcado por "uma poderosa procura de justiça". Os excessos dos *social justice warriors* nos debates sobre a raça ou a desigualdade económica, dizem, não devem levar os conservadores a ignorar "aquilo que existe de verdade nesses protestos".

Os conservadores não podem "ignorar ou ridicularizar" os debates que giram em torno "da raça, da equidade, da justiça perante a lei, das práticas comerciais justas, dos sindicatos, da dignidade dos trabalhadores, da remuneração justa, dos direitos civis, dos impostos, do respeito pelos contributos das mulheres ou da identidade sexual". Se na verdade querem influir no debate cultural, "a primeira tarefa é compreender". E depois, a partir do respeito por cada pessoa, "articular claramente as verdadeiras condições do bem-estar humano, trabalhando no parlamento, na sociedade civil, na família e na ação individual para conseguir essas condições na medida do possível".

Este alargamento do debate – a que também se poderia juntar o impulso de uma reforma migratória justa e a luta contra as mudanças climáticas – não será do gosto de todos os conservadores. Os articulistas de "Public Discourse" estão conscientes disso e avançam a sua fórmula mágica para enfrentar os debates que vão aparecer: a reflexão e o diálogo serenos, também entre os conservadores.

J. M.

Salvaguardar o luxo da paz social

Para não poucos conservadores, o assalto ao Capitólio significou um antes e um depois no seu apoio a Trump. Ilustra-o bem o caso do politólogo Hunter Baker.

Num artigo anterior às eleições ("Public Discourse", 27.9.2020), pediu o voto em Trump com o argumento do "mal menor". Baker deixava transparecer admiração pela firmeza do republicano na sua defesa de certas causas conservadoras. É verdade que tornou a direita mais azeda do que era nos tempos de Reagan, dizia, mas também deu-lhe mais caráter do que na época de Bush filho.

Após o assalto, no entanto, publicou outro artigo na mesma revista (15.1.2021), desta vez para se desculpar – com uma honradez intelectual admirável – por ter menosprezado os reparos avançados pelos *Never Trumpers*: se antes os considerava como "aproveitadores morais", demasiado delicados para mancharem os seus limpos princípios, mas no fundo encantados que outros votassem em quem defendia as suas causas, agora reconhece que se enganou e elogia os que souberam ver o que ele não viu: "Despertei agradecido para a benção de viver numa sociedade pacífica, ordenada, democrática e livre, ao constatar que uma ambição política imoderada atira pela borda fora esses avanços tão duramente conseguidos".

Concretamente, Baker reprova a Trump a sua recusa em reconhecer a derrota; a pressão sobre Mike Pence para que se negasse a certificar os resultados eleitorais; o telefonema para um alto funcionário da Geórgia "instando-o a *procurar* votos adicionais"; e o incitamento aos seus apoiantes a irem para o Capitólio.

Por outro lado, mesmo de um ponto de vista do pragmatismo político, no qual Baker se reconhece com facilidade, tem de se reconhecer que Trump não foi a panaceia: se é verdade que gerou mais apoio do que qualquer outro presidente republicano, observa o politólogo, também é certo que nenhum outro gerou tanta rejeição.